

ESAU E JACÓ
MACHADO DE ASSIS



CLASSICOS
SARAIVA

Projeto Gráfico ganhador do
"AIGA 50 Books/50 Covers – 2008",
Prêmio Internacional do American Institute
of Graphic Arts (AIGA)

Conforme a nova ortografia
São Paulo, 2010

ESAÚ E JACÓ

MACHADO DE ASSIS



CLÁSSICOS
SARAIVA



Editora
Saraiva

Gerente editorial
Rogério Gastaldo

Editora-assistente
Solange Mingorance

Coordenação editorial e de produção
Edições Jogo de Amarelinha

Projeto gráfico, edição de arte e diagramação
Casa Rex

Ilustração da capa
Carvall

Cotejo de originais
Claudia Maietta, Frederico Ventura, Thaisa Burani

Revisão
Frederico Ventura, Carla Mello Moreira

Elaboração *Diários de um Clássico, Contextualização Histórica e Suplemento de Atividades*
Thaisa Burani

Elaboração *Entrevista Imaginária*
Davi Fazzolari

Elaboração *Projeto Leitura e Didatização*
Davi Fazzolari e Vicente Luís Castro Pereira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Assis, Machado de, 1839-1908.
Esaú e Jacó / Machado de Assis. — São Paulo :
Saraiva, 2010. — (Coleção Clássicos Saraiva)
ISBN 978-85-02-09494-9 (aluno)

1. Romance brasileiro I. Título. II. Série.
10-05306

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira 869.93

© Editora Saraiva, 2010
Direitos reservados à
SARAIVA Educação Ltda.
Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP
Tel.: (0XX11) 4003-3061

1ª edição - 2ª tiragem

2017

CL 810132
CAE 571386

Todas as citações de textos contidas neste livro estão de acordo com a legislação, tendo por fim único e exclusivo o ensino. Caso exista algum texto a respeito do qual seja necessária a inclusão de informação adicional, ficamos à disposição para o contato pertinente. Do mesmo modo, fizemos todos os esforços para identificar e localizar os titulares dos direitos sobre as imagens publicadas e estamos à disposição para suprir eventual omissão de crédito em futuras edições.

Caro leitor,

Durante todo o ensino fundamental, o estudante terá percorrido oito ou nove anos de leitura de textos variados. Ao chegar ao ensino médio, ele passa a ter contato com o estudo sistematizado de Literatura Brasileira. Nesse sentido, aprende a situar autores e obras na linha do tempo, a identificar a estética literária a que pertencem etc. Mas não passa, necessariamente, a ler mais.

É tempo de repensar esse caminho. É hora de propor novos rumos à leitura e à forma como se lê. Os **CLÁSSICOS SARAIVA** pretendem oferecer ao estudante e ao professor uma gama de opções de leitura que proporcione um modo de organizar o trabalho de formação de leitores competentes, de consolidação de hábitos de leitura, e também de preparação para o vestibular e para a vida adulta. Apresentando obras clássicas da literatura brasileira, portuguesa e universal, oferecemos a possibilidade de estabelecer um diálogo entre autores, entre obras, entre estilos, entre tempos diferentes.

Afinal, por que não promover diálogos internos na literatura e também com outras artes e linguagens? Veja o que nos diz o professor William Cereja: “A literatura é um fenômeno artístico e cultural vivo, dinâmico, complexo, que não caminha de forma linear e isolada. Os diálogos que ocorrem em seu interior transcendem fronteiras geográficas e linguísticas. Ora, se o percurso da própria literatura está cheio de rupturas, retomadas e saltos, por que o professor, prendendo-se à rigidez da cronologia histórica, deveria engessá-la?”

Esperamos oferecer ao jovem leitor e ao público em geral um panorama de obras de leitura fundamental para a formação de um cidadão consciente e bem preparado para o mundo do século XXI. Para tanto, além da seleção de textos de grande valor da literatura brasileira, portuguesa e universal, os **CLÁSSICOS SARAIVA** apresentam, ao final de cada livro, os **DIÁRIOS DE UM CLÁSSICO** – um panorama do autor, de sua obra, de sua linguagem e estilo, do mundo em que viveu e muito mais. Além disso, oferecemos um painel de textos para a **CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA** – contextos históricos, sociais e culturais relacionados ao período literário em que a obra floresceu. Por fim, oferecemos uma **ENTREVISTA IMAGINÁRIA** com o Autor – uma conversa fictícia com o escritor em algum momento-chave de sua vida.

Desejamos que você, caríssimo leitor, desfrute o prazer da leitura. Faça uma boa viagem!

SUMÁRIO

ESAÚ E JACÓ

- ADVERTÊNCIA 11
CAPÍTULO I – COISAS FUTURAS! 14
CAPÍTULO II – MELHOR DE DESCER QUE DE SUBIR 18
CAPÍTULO III – A ESMOLA DA FELICIDADE 19
CAPÍTULO IV – A MISSA DO *COUPÉ* 21
CAPÍTULO V – HÁ CONTRADIÇÕES EXPLICÁVEIS 23
CAPÍTULO VI – MATERNIDADE 24
CAPÍTULO VII – GESTAÇÃO 26
CAPÍTULO VIII – NEM CASAL, NEM GENERAL 28
CAPÍTULO IX – VISTA DE PALÁCIO 31
CAPÍTULO X – O JURAMENTO 32
CAPÍTULO XI – UM CASO ÚNICO! 35
CAPÍTULO XII – ESSE AIRES 36
CAPÍTULO XIII – A EPÍGRAFE 38
CAPÍTULO XIV – A LIÇÃO DO DISCÍPULO 39
CAPÍTULO XV – *TESTE DAVID CUM SIBYLLA* 40
CAPÍTULO XVI – PATERNALISMO 43
CAPÍTULO XVII – TUDO O QUE RESTRINJO 43
CAPÍTULO XVIII – DE COMO VIERAM CRESCENDO 44
CAPÍTULO XIX – APENAS DUAS. – QUARENTA ANOS. TERCEIRA CAUSA 47
CAPÍTULO XX – A JOIA 49
CAPÍTULO XXI – UM PONTO ESCURO 51
CAPÍTULO XXII – AGORA UM SALTO 51
CAPÍTULO XXIII – QUANDO TIVEREM BARBAS 52
CAPÍTULO XXIV – ROBESPIERRE E LUÍS XVI 54
CAPÍTULO XXV – D. MIGUEL 57
CAPÍTULO XXVI – A LUTA DOS RETRATOS 58
CAPÍTULO XXVII – DE UMA REFLEXÃO INTEMPESTIVA 60
CAPÍTULO XXVIII – O RESTO É CERTO 61
CAPÍTULO XXIX – A PESSOA MAIS MOÇA 61
CAPÍTULO XXX – A GENTE BATISTA 62
CAPÍTULO XXXI – FLORA 65
CAPÍTULO XXXII – O APOSENTADO 66
CAPÍTULO XXXIII – A SOLIDÃO TAMBÉM CANSA 69
CAPÍTULO XXXIV – INEXPLICÁVEL 70
CAPÍTULO XXXV – EM VOLTA DA MOÇA 71

CAPÍTULO XXXVI - A DISCÓRDIA NÃO É TÃO FEIA COMO SE PINTA	72
CAPÍTULO XXXVII - DESACORDO NO ACORDO	74
CAPÍTULO XXXVIII - CHEGADA A PROPÓSITO	75
CAPÍTULO XXXIX - UM GATUNO	78
CAPÍTULO XL - <i>RECUERDOS</i>	80
CAPÍTULO XLI - CASO DO BURRO	81
CAPÍTULO XLII - UMA HIPÓTESE	82
CAPÍTULO XLIII - O DISCURSO	83
CAPÍTULO XLIV - O SALMÃO	84
CAPÍTULO XLV - MUSA, CANTA...	87
CAPÍTULO XLVI - ENTRE UM ATO E OUTRO	88
CAPÍTULO XLVII - S. MATEUS, IV, 1-10	89
CAPÍTULO XLVIII - TERPSÍCORE	92
CAPÍTULO XLIX - TABULETA VELHA	96
CAPÍTULO L - O TINTEIRO DE EVARISTO	98
CAPÍTULO LI - AQUI PRESENTE	100
CAPÍTULO LII - UM SEGREDO	101
CAPÍTULO LIII - DE CONFIDÊNCIAS	104
CAPÍTULO LIV - ENFIM, SÓ!	108
CAPÍTULO LV - "A MULHER É A DESOLAÇÃO DO HOMEM"	108
CAPÍTULO LVI - O GOLPE	109
CAPÍTULO LVII - DAS ENCOMENDAS	110
CAPÍTULO LVIII - MATAR SAUDADES	113
CAPÍTULO LIX - NOITE DE 14	114
CAPÍTULO LX - MANHÃ DE 15	116
CAPÍTULO LXI - LENDO XENOFONTE	118
CAPÍTULO LXII - "PARE NO D."	119
CAPÍTULO LXIII - TABULETA NOVA	121
CAPÍTULO LXIV - PAZ!	124
CAPÍTULO LXV - ENTRE OS FILHOS	126

CAPÍTULO LXVI - O BASTO E A ESPADILHA	128
CAPÍTULO LXVII - A NOITE INTEIRA	128
CAPÍTULO LXVIII - DE MANHÃ!	131
CAPÍTULO LXIX - AO PIANO	131
CAPÍTULO LXX - DE UMA CONCLUSÃO ERRADA	132
CAPÍTULO LXXI - A COMISSÃO	135
CAPÍTULO LXXII - O REGRESSO	136
CAPÍTULO LXXIII - UM ELDORADO	138
CAPÍTULO LXXIV - A ALUSÃO DO TEXTO	140
CAPÍTULO LXXV - PROVÉRBIO ERRADO	143
CAPÍTULO LXXVI - TALVEZ FOSSE A MESMA!	143
CAPÍTULO LXXVII - HOSPEDAGEM	144
CAPÍTULO LXXVIII - VISITA AO MARECHAL	146
CAPÍTULO LXXIX - FUSÃO, DIFUSÃO, CONFUSÃO...	148
CAPÍTULO LXXX - TRANSFUSÃO, ENFIM	149
CAPÍTULO LXXXI - AI, DUAS ALMAS...	150
CAPÍTULO LXXXII - EM S. CLEMENTE	151
CAPÍTULO LXXXIII - A GRANDE NOITE	152
CAPÍTULO LXXXIV - O VELHO SEGREDO	156
CAPÍTULO LXXXV - TRÊS CONSTITUIÇÕES	157
CAPÍTULO LXXXVI - ANTES QUE ME ESQUEÇA	158
CAPÍTULO LXXXVII - ENTRE AIRES E FLORA	159
CAPÍTULO LXXXVIII - NÃO, NÃO, NÃO	161
CAPÍTULO LXXXIX - O DRAGÃO	161
CAPÍTULO XC - O AJUSTE	163
CAPÍTULO XCI - NEM SÓ A VERDADE SE DEVE ÀS MÃES	165
CAPÍTULO XCII - SEGREDO ACORDADO	168
CAPÍTULO XCIII - NÃO ATA NEM DESATA	169
CAPÍTULO XCIV - GESTOS OPOSTOS	171
CAPÍTULO XCV - O TERCEIRO	172
CAPÍTULO XCVI - RETRAIMENTO	174

CAPÍTULO XCVII - UM CRISTO PARTICULAR	175
CAPÍTULO XCVIII - O MÉDICO AIRES	176
CAPÍTULO XCIX - A TÍTULO DE ARES NOVOS	177
CAPÍTULO C - DUAS CABEÇAS	179
CAPÍTULO CI - O CASO EMBRULHADO	180
CAPÍTULO CII - VISÃO PEDE MEIA SOMBRA	181
CAPÍTULO CIII - O QUARTO	182
CAPÍTULO CIV - A RESPOSTA	184
CAPÍTULO CV - A REALIDADE	186
CAPÍTULO CVI - AMBOS QUAIS?	187
CAPÍTULO CVII - ESTADO DE SÍTIO	189
CAPÍTULO CVIII - VELHAS CERIMÔNIAS	190
CAPÍTULO CIX - AO PÉ DA COVA	191
CAPÍTULO CX - QUE VOA	192
CAPÍTULO CXI - UM RESUMO DE ESPERANÇAS	193
CAPÍTULO CXII - O PRIMEIRO MÊS	194
CAPÍTULO CXIII - UMA BEATRIZ PARA DOIS	196
CAPÍTULO CXIV - CONSULTÓRIO E BANCA	197
CAPÍTULO CXV - TROCA DE OPINIÕES	198
CAPÍTULO CXVI - DE REGRESSO	200
CAPÍTULO CXVII - POSSE DAS CADEIRAS	201
CAPÍTULO CXVIII - COISAS PASSADAS, COISAS FUTURAS	203
CAPÍTULO CXIX - QUE ANUNCIA OS SEGUINTE	204
CAPÍTULO CXX - PENÚLTIMO	205
CAPÍTULO CXXI - ÚLTIMO	206

DIÁRIOS DE UM CLÁSSICO	211
CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	233
ENTREVISTA IMAGINÁRIA	241

ADVERTÊNCIA

Quando o conselheiro Aires faleceu, acharam-se-lhe na secretaria* sete cadernos manuscritos, rijamente encapados em papelão. Cada um dos primeiros seis tinha o seu número de ordem, por algarismos romanos, I, II, III, IV, V, VI, escritos a tinta encarnada. O sétimo trazia este título: *Último*.

A razão desta designação especial não se compreendeu então nem depois. Sim, era o último dos sete cadernos, com a particularidade de ser o mais grosso, mas não fazia parte do *Memorial*, diário de lembranças que o conselheiro escrevia desde muitos anos e era a matéria dos seis. Não trazia a mesma ordem de datas, com indicação da hora e do minuto, como usava neles. Era uma narrativa; e, posto figure aqui o próprio Aires, com o seu nome e título de conselho, e, por alusão, algumas aventuras, nem assim deixava de ser a narrativa estranha à matéria dos seis cadernos. *Último* por quê?

A hipótese de que o desejo do finado fosse imprimir este caderno em seguida aos outros, não é natural, salvo se queria obrigar à leitura dos seis, em que tratava de si, antes que lhe conhecessem esta outra história, escrita com um pensamento interior e único, através das páginas diversas. Nesse caso, era a vaidade do homem que falava, mas a vaidade não fazia parte dos seus defeitos. Quando fizesse, valia a pena satisfazê-la? Ele não representou papel eminente neste mundo; percorreu a carreira diplomática, e aposentou-se. Nos lazes do ofício, escreveu o *Memorial*, que, aparado das páginas mortas ou escuras, apenas daria (e talvez de) para matar o tempo da barca de Petrópolis. Tal foi a razão de se publicar somente a narrativa. Quanto ao título, foram lembrados vários, em que o assunto se pudesse resumir, *Ab ovo*, por exemplo, apesar do latim; venceu, porém, a ideia de lhe dar estes dois nomes que o próprio Aires citou uma vez: ESAÚ E JACÓ.

* Secretária: termo em desuso para se referir a uma escrivanhinha de estudos ou trabalho.

“DICO, CHE QUANDO L’ANIMA MAL NATA...”¹
Dante

¹ Em italiano. Tradução: “Digo, que quando a alma [é] malnascida...” ou “Digo, que quando a alma malfadada...”. Dante Alighieri, *Divina comédia*. São Paulo: Editora 34, 2000.

CAPÍTULO I COISAS FUTURAS!

Era a primeira vez que as duas iam ao morro do Castelo². Começaram de subir pelo lado da Rua do Carmo. Muita gente há no Rio de Janeiro que nunca lá foi, muita haverá morrido, muita mais nascerá e morrerá sem lá pôr os pés. Nem todos podem dizer que conhecem uma cidade inteira. Um velho inglês, que aliás andara terras e terras, confiava-me há muitos anos em Londres que de Londres só conhecia bem o seu clube, e era o que lhe bastava da metrópole e do mundo.

Natividade e Perpétua conheciam outras partes, além de Botafogo, mas o morro do Castelo, por mais que ouvissem falar dele e da cabocla que lá reinava em 1871, era-lhes tão estranho e remoto como o clube. O íngreme, o desigual, o mal calçado da ladeira mortificavam os pés às duas pobres donas. Não obstante, continuavam a subir, como se fosse penitência, devagarinho, cara no chão, véu para baixo. A manhã trazia certo movimento; mulheres, homens, crianças que desciam ou subiam, lavadeiras e soldados, algum empregado, algum lojista, algum padre, todos olhavam espantados para elas, que aliás vestiam com grande simplicidade; mas há um donaire que se não perde, e não era vulgar naquelas alturas. A mesma lentidão do andar, comparada à rapidez das outras pessoas, fazia desconfiar que era a primeira vez que ali iam. Uma crioula perguntou a um sargento: “Você quer ver que elas vão à cabocla?” E ambos pararam a distância, tomados daquele invencível desejo de conhecer a vida alheia, que é muita vez toda a necessidade humana.

Com efeito, as duas senhoras buscavam disfarçadamente o número da casa da cabocla, até que deram com ele. A casa era como as outras, trepada no morro. Subia-se por uma escadinha, estreita, sombria, adequada à aventura. Quiseram entrar depressa, mas esbarraram com dois sujeitos que vinham saindo, e coseram-se ao portal. Um deles perguntou-lhes familiarmente se iam consultar a adivinha.

– Perdem o seu tempo, concluiu furioso, e hão de ouvir muito disparate...

– É mentira dele, emendou o outro rindo; a cabocla sabe muito bem onde tem o nariz.

² Morro do Castelo: antigo morro no centro do Rio de Janeiro, onde foi fundada a cidade. Depois de derrubado, deu origem à esplanada de mesmo nome.

Hesitaram um pouco; mas, logo depois advertiram que as palavras do primeiro eram sinal certo da vidência e da franqueza da adivinha; nem todos teriam a mesma sorte alegre. A dos meninos de Natividade podia ser miserável, e então... Enquanto cogitavam passou fora um carteiro, que as fez subir mais depressa, para escapar a outros olhos. Tinham fé, mas tinham também vexame da opinião, como um devoto que se benzesse às escondidas.

Velho caboclo, pai da adivinha, conduziu as senhoras à sala. Esta era simples, as paredes nuas, nada que lembrasse mistério ou incutisse pavor, nenhum petrecho simbólico, nenhum bicho empalhado: esqueleto ou desenho de aleijões. Quando muito um registro da Conceição colado à parede podia lembrar um mistério, apesar de encardido e roído, mas não metia medo. Sobre uma cadeira, uma viola.

– Minha filha já vem, disse o velho. As senhoras como se chamam?

Natividade deu o nome de batismo somente, Maria, como um véu mais espesso que o que trazia no rosto, e recebeu um cartão – porque a consulta era só de uma – com o número 1.012. Não há que pasmar do algarismo; a freguesia era numerosa, e vinha de muitos meses. Também não há que dizer do costume, que é velho e velhíssimo. Relê Ésquilo, meu amigo, relê as *Eumênides*, lá verás a Pítia³, chamando os que iam à consulta: “Se há aqui helenos, venham, aproximem-se, segundo o uso, *na ordem marcada pela sorte...*”. A sorte outrora, a numeração agora, tudo é que a verdade se ajuste à prioridade, e ninguém perca a sua vez de audiência. Natividade guardou o bilhete, e ambas foram à janela.

A falar verdade, temiam o seu tanto, Perpétua menos que Natividade. A aventura parecia audaz, e algum perigo possível. Não ponho aqui os seus gestos: imaginai que eram inquietos e desconcertados. Nenhuma dizia nada. Natividade confessou depois que tinha um nó na garganta. Felizmente, a cabocla não se demorou muito; ao cabo de três ou quatro minutos, o pai a trouxe pela mão, erguendo a cortina do fundo.

– Entra, Bárbara.

Bárbara entrou, enquanto o pai pegou da viola e passou ao patamar de pedra, à porta da esquerda. Era uma criaturinha leve e breve, saia bordada, chinelinha no pé. Não se lhe podia negar um corpo airoso. Os cabelos, apanhados no alto da cabeça por um pedaço de fita enxovalhada, faziam-lhe um solidéu natural, cuja borla era suprida por um raminho de arruda. Já vai nisto um pouco de sacerdotisa. O mistério estava nos olhos. Estes eram opacos, não sempre nem tanto que não fossem também lúcidos e agudos, e

³ Pítia: sacerdotisa de Apolo, que profetizava oráculos na cidade de Delfos.

neste último estado eram igualmente compridos; tão compridos e tão agudos que entravam pela gente abaixo, revolviam o coração e tornavam cá fora, prontos para nova entrada e outro revolvimento. Não te minto dizendo que as duas sentiram tal ou qual fascinação. Bárbara interrogou-as; Natividade disse ao que vinha e entregou-lhe os retratos dos filhos e os cabelos cortados, por lhe haverem dito que bastava.

– Basta, confirmou Bárbara. Os meninos são seus filhos?

– São.

– Cara de um é cara de outro.

– São gêmeos; nasceram há pouco mais de um ano.

– As senhoras podem sentar-se.

Natividade disse baixinho à outra que “a cabocla era simpática”, não tão baixo que esta não pudesse ouvir também; e daí pode ser que ela, receosa da predição, quisesse aquilo mesmo para obter um bom destino aos filhos. A cabocla foi sentar-se à mesa redonda que estava no centro da sala, virada para as duas. Pôs os cabelos e os retratos defronte de si. Olhou alternadamente para eles e para a mãe, fez algumas perguntas a esta, e ficou a mirar os retratos e os cabelos, boca aberta, sobranceiras cerradas. Custa-me dizer que acendeu um cigarro, mas digo, porque é verdade, e o fundo concorda com o ofício. Fora, o pai roçava os dedos na viola, murmurando uma cantiga do sertão do Norte:

16

*“Menina da saia branca,
Saltadeira de riacho...”*

Enquanto o fumo do cigarro ia subindo, a cara da adivinha mudava de expressão, radiante ou sombria, ora interrogativa, ora explicativa. Bárbara inclinava-se aos retratos, apertava uma madeixa de cabelos em cada mão, e fitava-as, e cheirava-as, e escutava-as, sem afetação que porventura aches nesta linha. Tais gestos não se poderiam contar naturalmente. Natividade não tirava os olhos dela, como se quisesse lê-la por dentro. E não foi sem grande espanto que lhe ouviu perguntar se os meninos tinham brigado antes de nascer.

– Brigado?

– Brigado, sim, senhora.

– Antes de nascer?

– Sim, senhora, pergunto se não teriam brigado no ventre de sua mãe; não se lembra?

Natividade, que não tivera a gestação sossegada, respondeu que efetivamente sentira movimentos extraordinários, repetidos, e dores, e insônias... Mas então que era? Brigariam por quê? A cabocla não respondeu. Ergueu-se pouco depois, e andou à volta da mesa, lenta, como sonâmbula, os olhos abertos e fixos; depois

entrou a dividi-los novamente entre a mãe e os retratos. Agitava-se agora mais, respirando grosso. Toda ela, cara e braços, ombros e pernas, toda era pouca para arrancar a palavra ao Destino. Enfim, parou, sentou-se exausta, até que se ergueu de salto e foi ter com as duas, tão radiante, os olhos tão vivos e cálidos, que a mãe ficou pendente deles, e não se pôde ter que lhe não pegasse das mãos e lhe perguntasse ansiosa:

– Então? Diga, posso ouvir tudo.

Bárbara, cheia de alma e riso, deu um respiro de gosto. A primeira palavra parece que lhe chegou à boca, mas recolheu-se ao coração, virgem dos lábios dela e de alheios ouvidos. Natividade instou pela resposta, que lhe dissesse tudo, sem falta...

– Coisas futuras! murmurou finalmente a cabocla.

– Mas, coisas feias?

– Oh! não! não! Coisas bonitas, coisas futuras!

– Mas isso não basta: diga-me o resto. Esta senhora é minha irmã e de segredo, mas se é preciso sair, ela sai; eu fico, diga-me a mim só... Serão felizes?

– Sim.

– Serão grandes?

– Serão grandes, Oh! grandes! Deus há de dar-lhes muitos benefícios. Eles hão de subir, subir, subir... Brigaram no ventre de sua mãe, que tem? Cá fora também se briga. Seus filhos serão gloriosos. É só o que lhe digo. Quanto à qualidade da glória, coisas futuras!

Lá dentro, a voz do caboclo velho ainda uma vez continuava a cantiga do sertão:

*“Trepame neste coqueiro,
Bota-me os cocos abaixo.”*

E a filha, não tendo mais que dizer, ou não sabendo que explicar, dava aos quadris o gesto da toada, que o velho repetia lá dentro:

*“Menina da saia branca,
Saltadeira de riacho,
Trepame neste coqueiro,
Bota-me os cocos abaixo,
Quebra coco, sinhá,
Lá no cocá,
Se te dá na cabeça,
Há de rachá;
Muito hei de me ri,
Muito hei de gostá,
Lelê, coco, naiá.”*

CAPÍTULO II

MELHOR DE DESCER QUE DE SUBIR

Todos os oráculos têm o falar dobrado, mas entendem-se. Natividade acabou entendendo a cabocla, apesar de lhe não ouvir mais nada; bastou saber que as coisas futuras seriam bonitas, e os filhos grandes e gloriosos para ficar alegre e tirar da bolsa uma nota de cinquenta mil-réis. Era cinco vezes o preço do costume, e valia tanto ou mais que as ricas dádivas de Creso⁴ à Pítia. Arrecadou os retratos e os cabelos, e as duas saíram, enquanto a cabocla ia para os fundos à espera de outros. Já havia alguns fregueses à porta, com os números de ordem, e elas desceram rapidamente, escondendo a cara.

Perpétua compartia as alegrias da irmã, as pedras também, o muro do lado do mar, as camisas penduradas às janelas, as cascas de banana no chão. Os mesmos sapatos de um irmão das almas⁵, que ia a dobrar a esquina da Rua da Misericórdia para a de S. José, pareciam rir de alegria, quando realmente gemiam de cansaço. Natividade estava tão fora de si que, ao ouvir-lhe pedir: “Para a missa das almas!” tirou da bolsa uma nota de dois mil-réis, nova em folha, e deitou-a à bacia. A irmã chamou-lhe a atenção para o engano, mas não era engano, era para as almas do purgatório.

E seguiram lépidas para o *coupé*, que as esperava no espaço que fica entre a igreja de S. José e a Câmara dos Deputados. Não tinham querido que o carro as levasse até ao princípio da ladeira, para que o cocheiro e o lacaios não desconfiassem da consulta. Toda a gente falava então da cabocla do Castelo, era o assunto da cidade; atribuíam-lhe um poder infinito, uma série de milagres, sortes, achados, casamentos. Se as descobrissem, estavam perdidas embora muita gente boa lá fosse. Ao vê-las dando a esmola ao irmão das almas, o lacaios trepou à almofada e o cocheiro tocou os cavalos, a carruagem veio buscá-las, e guiou para Botafogo.

⁴ Creso: último rei da Lídia (antigo reino da Ásia Menor).

⁵ Irmão das almas: pedinte que arrecadava esmolos para a Irmandade das Almas.

CAPÍTULO III A ESMOLA DA FELICIDADE

– Deus lhe acrescente, minha senhora devota! exclamou o irmão das almas ao ver a nota cair em cima de dois níqueis de tostão e alguns vinténs antigos. Deus lhe dê todas as felicidades do céu e da terra, e as almas do purgatório peçam a Maria Santíssima que recomende a senhora dona a seu bendito filho!

Quando a sorte ri, toda a natureza ri também, e o coração ri como tudo o mais. Tal foi a explicação que, por outras palavras menos especulativas, deu o irmão das almas aos dois mil-réis. A suspeita de ser a nota falsa não chegou a tomar pé no cérebro deste: foi alucinação rápida. Compreendeu que as damas eram felizes, e, tendo o uso de pensar alto, disse piscando o olho, enquanto elas entravam no carro:

– Aquelas duas viram passarinho verde, com certeza.

Sem rodeios, supôs que as duas senhoras vinham de alguma aventura amorosa, e deduziu isto de três fatos, que sou obrigado a enfileirar aqui para não deixar este homem sob a suspeita de caluniador gratuito. O primeiro foi a alegria delas, o segundo o valor da esmola, o terceiro o carro que as esperava a um canto, como se elas quisessem esconder do cocheiro o ponto dos namorados. Não concluas tu que ele tivesse sido cocheiro algum dia, e andasse a conduzir moças antes de servir às almas. Também não creias que fosse outrora rico e adúltero, aberto de mãos, quando vinha de dizer adeus às suas amigas. *Ni cet excès d'honneur, ni cette indignité*⁶. Era um pobre-diabo sem mais ofício que a devoção. Demais, não teria tido tempo; contava apenas vinte e sete anos.

Cumprimentou as senhoras, quando o carro passou. Depois ficou a olhar para a nota tão fresca, tão valiosa, nota que almas nunca viram sair das mãos dele. Foi subindo a Rua de S. José. Já não tinha ânimo de pedir; a nota fazia-se ouro, e a ideia de ser falsa voltou-lhe ao cérebro, e agora mais frequente, até que se lhe pegou por alguns instantes. Se fosse falsa... “Para a missa das almas!” gemeu à porta de uma quitanda e deram-lhe um vintém, – um vintém sujo e triste ao pé da nota tão novinha que parecia sair do prelo. Seguiu-se um corredor de sobrado. Entrou, subiu, pediu, deram-lhe dois vinténs, o dobro da outra moeda no valor e no azinhavre.

⁶ Em francês. Tradução: “Nem este excesso de honestidade, nem esta indignidade”.

E a nota sempre limpa, uns dois mil-réis que pareciam vinte. Não era falsa. No corredor pegou dela, mirou-a bem; era verdadeira. De repente, ouviu abrir a cancela em cima, e uns passos rápidos. Ele, mais rápido, amarrotou a nota e meteu-a na algibeira das calças: ficaram só os vinténs azinhavrados e tristes, o óbolo da viúva⁷. Saiu, foi à primeira oficina, à primeira loja, ao primeiro corredor, pedindo longa e lastimosamente:

– Para a missa das almas!

Na igreja, ao tirar a opa, depois de entregar a bacia ao sacristão ouviu uma voz débil como de almas remotas que lhe perguntavam se os dois mil-réis... Os dois mil-réis, dizia outra voz menos débil eram naturalmente dele, que, em primeiro lugar, também tinha alma, e, em segundo lugar, não recebera nunca tão grande esmola. Quem quer dar tanto vai à igreja ou compra uma vela, não põe assim uma nota na bacia das esmolas pequenas.

Se minto, não é de intenção. Em verdade, as palavras não saíram assim articuladas e claras, nem as débeis, nem as menos débeis; todas faziam uma zoeira aos ouvidos da consciência. Traduzidas em língua falada, a fim de ser entendido das pessoas que me leem; não sei como se poderia transcrever para o papel um rumor surdo e outro menos surdo, um atrás de outro e todos confusos para o fim, até que o segundo ficou só: “não tirou a nota a ninguém... a dona é que a pôs na bacia por sua mão... também ele era alma...”. A porta da sacristia que dava para a rua, ao deixar cair o reposteiro azul-escuro debruado de amarelo, não ouviu mais nada. Viu um mendigo que lhe estendia o chapéu roto e sebento, meteu vagarosamente a mão no bolso do colete, também roto, e aventou uma moedinha de cobre que deitou ao chapéu do mendigo, rápido, às escondidas, como quer o Evangelho. Eram dois vinténs, ficavam-lhe mil novecentos e noventa e oito⁸ réis. E o mendigo, como ele saísse depressa, mandou-lhe atrás estas palavras de agradecimento, parecidas com as suas:

– Deus lhe acrescente, meu senhor, e lhe dê...

⁷ Referência a passagem do Novo Testamento (Marcos XII, 41-44 e Lucas XXI, 1-4).

⁸ Machado de Assis parece ter-se enganado na conta: se um vintém valia 20 réis, dos dois mil-réis deveria deduzir 40 (e não dois) réis, sobrando, portanto, 1960 réis.

CAPÍTULO IV

A MISSA DO *COUPÉ*

Natividade ia pensando na cabocla do Castelo, na predição da grandeza e na notícia da briga. Tornava a lembrar-se que, de fato, a gestação não fora sossegada; mas só lhe ficava a sorte da glória e da grandeza. A briga lá ia, se a houve, o futuro, sim, esse é que era o principal ou tudo. Não deu pela Praia de Santa Luzia. No Largo da Lapa interrogou a irmã sobre o que pensava da adivinha. Perpétua respondeu que bem, que acreditava, e ambas concordaram que ela parecia falar dos próprios filhos, tal era o entusiasmo. Perpétua ainda a repreendeu pelos cinquenta mil-réis dados em paga; bastavam vinte.

– Não faz mal. Coisas futuras!

– Que coisas serão?

– Não sei; futuras.

Mergulharam outra vez no silêncio. Ao entrar no Catete, Natividade recordou a manhã em que ali passou, naquele mesmo *coupé*, e confiou ao marido o estado de gravidez. Voltavam de uma missa de defunto, na igreja de S. Domingos...

“Na igreja de S. Domingos diz-se hoje uma missa por alma de João de Melo, falecido em Maricá.” Tal foi o anúncio que ainda agora podes ler em algumas folhas de 1869. Não me ficou o dia; o mês foi agosto. O anúncio está certo, foi aquilo mesmo, sem mais nada, nem o nome da pessoa ou pessoas que mandaram dizer a missa, nem hora, nem convite. Não se disse sequer que o defunto era escrivão, ofício que só perdeu com a morte. Enfim, parece que até lhe tiraram um nome; ele era, se estou bem informado, João de Melo e Barros.

Não se sabendo quem mandava dizer a missa, ninguém lá foi. A igreja escolhida deu ainda menos relevo ao ato; não era vistosa, nem buscada, mas velhota, sem galas nem gente, metida ao canto de um pequeno largo, adequada à missa recôndita e anônima.

As oito horas parou um *coupé* à porta; o lacaio desceu, abriu a portinhola, desbarreteou-se e perfilou-se. Saiu um senhor e deu a mão a uma senhora, a senhora saiu e tomou o braço ao senhor, atravessaram o pedacinho de largo e entraram na igreja. Na sacristia era tudo espanto. A alma que a tais sítios atraíra um carro de luxo, cavalos de raça, e duas pessoas tão finas não seria como as outras almas ali sufragadas. A missa foi ouvida sem pêsames nem lágrimas. Quando acabou, o senhor foi à sacristia dar as espórtulas. O sacristão, agasalhando na agibeira a nota de dez mil-réis que

recebeu, achou que ela provava a sublimidade do defunto; mas que defunto era esse? O mesmo pensaria a caixa das almas, se pensasse, quando a luva da senhora deixou cair dentro uma pratinha de cinco tostões. Já então havia na igreja meia dúzia de crianças maltrapilhas, e fora, alguma gente às portas e no largo, esperando. O senhor, chegando à porta, relanceou os olhos, ainda que vagamente, e viu que era objeto de curiosidade. A senhora trazia os seus no chão. E os dois entravam no carro, com o mesmo gesto, o laçao bateu a portinhola e partiram.

A gente local não falou de outra coisa naquele e nos dias seguintes. Sacristão e vizinhos relembavam o *coupé*, com orgulho. Era a missa do *coupé*. As outras missas vieram vindo, todas a pé, algumas de sapato roto, não raras descalças, capinhas velhas, morins estragados, missas de chita ao domingo, missas de tamancos. Tudo voltou ao costume, mas a missa do *coupé* viveu na memória por muitos meses. Afinal não se falou mais nela; esqueceu como um baile.

Pois o *coupé* era este mesmo. A missa foi mandada dizer por aquele senhor, cujo nome é Santos, e o defunto era seu parente, ainda que pobre. Também ele foi pobre, também ele nasceu em Maricá. Vindo para o Rio de Janeiro, por ocasião da febre das ações⁹ (1855), dizem que revelou grandes qualidades para ganhar dinheiro depressa. Ganhou logo muito, e fê-lo perder a outros. Casou em 1859 com esta Natividade, que ia então nos vinte anos e não tinha dinheiro, mas era bela e amava apaixonadamente. A Fortuna os abençoou com a riqueza. Anos depois tinham eles uma casa nobre, carruagem, cavalos e relações novas e distintas. Dos dois parentes pobres de Natividade morreu o pai em 1866, restava-lhe uma irmã. Santos tinha alguns em Maricá, a quem nunca mandou dinheiro, fosse mesquinhez, fosse habilidade. Mesquinhez não creio, ele gastava largo e dava muitas esmolas. Habilidade seria; tirava-lhes o gosto de vir cá pedir-lhe mais.

Não lhe valeu isto com João de Melo, que um dia apareceu aqui, a pedir-lhe emprego. Queria ser, como ele, diretor de banco. Santos arranjou-lhe depressa um lugar de escrivão no cível em Maricá, e despachou-o com os melhores conselhos deste mundo.

João de Melo retirou-se com a escrivania, e dizem que uma grande paixão também. Natividade era a mais bela mulher daquele tempo. No fim, com os seus cabelos quase sexagenários, fazia crer na tradição. João de Melo ficou alucinado quando a viu, ela conheceu isso, e portou-se bem. Não lhe fechou o rosto, é verdade, e era mais bela assim que zangada; também não lhe fechou

⁹ Febre das ações: período de grandes reformas político-econômicas que levaram todas as classes sociais a uma ânsia de enriquecimento e ao lançamento de ações.

os olhos que eram negros e cálidos. Só lhe fechou o coração, um coração que devia amar como nenhum outro, foi a conclusão de João de Melo uma noite em que a viu ir decotada a um baile. Teve ímpeto de pegar dela, descer, voar, perderem-se...

Em vez disso, uma escrivanina e Maricá; era um abismo. Caiu nele; três dias depois saiu do Rio de Janeiro para não voltar. A princípio escreveu muitas cartas ao parente, com a esperança de que ela as lesse também, e compreendesse que algumas palavras eram para si.

Mas Santos não lhe deu resposta, e o tempo e a ausência acabaram por fazer de João de Melo um excelente escrivão. Morreu de uma pneumonia.

Que o motivo da pratinha de Natividade deitada à caixa das almas fosse pagar a adoração do defunto não digo que sim, nem que não; faltam-me pormenores. Mas pode ser que sim, porque esta senhora era não menos grata que honesta. Quanto às larguezas do marido, não esqueças que o parente era defunto, e o defunto um parente menos.

CAPÍTULO V **HÁ CONTRADIÇÕES EXPLICÁVEIS**

Não me peças a causa de tanto encolhimento no anúncio e na missa, e tanta publicidade na carruagem, lacaio e libré. Há contradições explicáveis. Um bom autor, que inventasse a sua história, ou prezasse a lógica aparente dos acontecimentos, levaria o casal Santos a pé ou em caleça de praça ou de aluguel; mas eu, amigo, eu sei como as coisas se passaram, e refiro-as tais quais. Quando muito, explico-as, com a condição de que tal costume não pegue. Explicações comem tempo e papel, demoram a ação e acabam por enfadar. O melhor é ler com atenção.

Quanto à contradição de que se trata aqui, é de ver que naquele recanto de um larguinho modesto, nenhum conhecido daria com eles, ao passo que eles gozariam o assombro local; tal foi a reflexão de Santos, se pode dar semelhante nome a um movimento interior que leva a gente a fazer antes uma coisa que outra. Resta

a missa; a missa em si mesma bastava que fosse sabida no céu e em Maricá. Propriamente vestiram-se para o céu. O luxo do casal temperava a pobreza da oração; era uma espécie de homenagem ao finado. Se a alma de João de Melo os visse de cima, alegrar-se-ia do apuro em que eles foram rezar por um pobre escrivão. Não sou eu que o digo; Santos é que o pensou.

CAPÍTULO VI MATERNIDADE

A princípio, vieram calados. Quando muito, Natividade queixou-se da igreja, que lhe sujara o vestido.

– Venho cheia de pulgas, continuou ela; por que não fomos a S. Francisco de Paula ou à Glória, que estão mais perto, e são limpas?

Santos trocou as mãos à conversa, e falou das ruas mal calçadas, que faziam dar solavancos ao carro. Com certeza, quebravam-lhe as molas.

Natividade não replicou, mergulhou no silêncio, como naquele outro capítulo, vinte meses depois, quando tornava do Castelo com a irmã. Os olhos não tinham a nota de deslumbramento que trariam então; iam parados e sombrios, como de manhã e na véspera. Santos, que já reparara nisso, perguntou-lhe o que é que tinha; ela não sei se lhe respondeu de palavra; se alguma disse, foi tão breve e surda que inteiramente se perdeu. Talvez não passasse de um simples gesto de olhos, um suspiro, ou coisa assim. Fosse o que fosse, quando o *coupé* chegou ao meio do Catete, os dois levavam as mãos presas, e a expressão do rosto era de abençoados. Não davam sequer pela gente das ruas; não davam talvez por si mesmos.

Leitor, não é muito que percebas a causa daquela expressão; destes dedos abotoados. Já lá ficou dita atrás, quando era melhor deixar que a adivinhasses; mas provavelmente não a adivinharias; não que tenhas o entendimento curto ou escuro, mas porque o homem varia do homem, e tu talvez ficasses com igual expressão, simplesmente por saber que ias dançar sábado. Santos não dançava;

preferia o voltarete¹⁰, como distração. A causa era virtuosa, como sabes; Natividade estava grávida, acabava de o dizer ao marido.

Aos trinta anos não era cedo nem tarde; era imprevisito. Santos sentiu mais que ela o prazer da vida nova. Eis aí vinha a realidade do sonho de dez anos, uma criatura tirada da coxa de Abraão¹¹, como diziam aqueles bons judeus, que a gente queimou mais tarde, e agora emprestam generosamente o seu dinheiro às companhias e às nações. Levam juro por ele; mas os hebraísmos são dados de graça. Aquele é desses. Santos, que só conhecia a parte do empréstimo, sentia inconscientemente a do hebraísmo, e deleitava-se com ele. A emoção atava-lhe a língua; os olhos que estendia à esposa e a cobriam eram de patriarca; o sorriso parecia chover luz sobre a pessoa amada, abençoada e formosa entre as formosas.

Natividade não foi logo, logo, assim; a pouco e pouco é que veio sendo vencida e tinha já a expressão da esperança e da maternidade. Nos primeiros dias, os sintomas desconcertaram a nossa amiga. É duro dizê-lo, mas é verdade. Lá se iam bailes e festas, lá ia a liberdade e a folga. Natividade andava já na alta roda do tempo; acabou de entrar por ela, com tal arte que parecia haver ali nascido. Carteava-se com grandes damas, era familiar de muitas, tuteava algumas. Nem tinha só esta casa de Botafogo, mas também outra em Petrópolis; nem só carro, mas também camarote no Teatro Lírico, não contando os bailes do Cassino Fluminense, os das amigas e os seus; todo o repertório, em suma, da vida elegante. Era nomeada nas gazetas, pertencia àquela dúzia de nomes planetários que figuram no meio da plebe de estrelas. O marido era capitalista e diretor de um banco.

No meio disso, a que vinha agora uma criança deformá-la por meses, obrigá-la a recolher-se, pedir-lhe as noites, adoecer dos dentes e o resto? Tal foi a primeira sensação da mãe, e o primeiro ímpeto foi esmagar o gérmen. Criou raiva ao marido. A segunda sensação foi melhor. A maternidade, chegando ao meio-dia, era como uma aurora nova e fresca. Natividade viu a figura do filho ou filha brincando na relva da chácara ou no regaço da aia, com três anos de idade, e este quadro daria aos trinta e quatro anos que teria então um aspecto de vinte e poucos...

Foi o que a reconciliou com o marido. Não exagero; também não quero mal a esta senhora. Algumas teriam medo, a maior parte amor. A conclusão é que, por uma ou por outra porta, amor ou vaidade, o que o embrião quer é entrar na vida. César ou João Fernandes¹², tudo é viver, assegurar a dinastia e sair do mundo o mais tarde que puder.

¹⁰ Voltarete: jogo de cartas.

¹¹ Referência comparativa ao episódio de Abraão e Sara, esta com 90 anos e que concebeu Isaac por interferência divina.

¹² César: alusão ao imperador romano; João Fernandes: pessoa sem importância; nome tão comum em Portugal que equivaleria à expressão brasileira João-ninguém.